

# AVALIAÇÃO: QUE "BICHO" É ESSE?

Célia Maria Ribeiro

Nunca se falou tanto em avaliação como nos dias atuais, particularmente no que se refere à avaliação das universidades. Por isso resolvi resgatar um artigo que escrevi e que saiu publicado num jornal interno da universidade. Resolvi publicá-lo num jornal de circulação externa porque penso que é chegada a hora da sociedade, como um todo, participar desta reflexão.

A avaliação pode lembrar vários bichos. Pode-se identificá-la com a fera ameaçadora, mortal, que, na espreita, espera o menor deslize no trabalho para saltar sobre a pobre vítima e dar o golpe fatal. A avaliação tem sido vista desse modo por alguns, que a definem como instrumento de punição, de seleção para o covil. Essa punição pode assumir feições diversas: a marginalização dos que tiveram avaliação negativa, sua retenção no mesmo nível funcional ou mesmo, na atual conjuntura, a demissão. O cenário atual de crise, turbulências, privatizações, desemprego etc. reforça essa visão, marcada pela apreensão. Tanto

que é comum ouvir-se "pra que me avaliar, pra ser demitido"?

Mas a fera mortal não é o único bicho a que se pode associar à avaliação. Há também os bichos considerados asquerosos, que não causam medo, mas causam um desconforto quase insuportável. O expressivo número de questionários de avaliação a que somos submetidos todo dia só amplia essa visão.

A escolha do animal asqueroso é bastante particular. A cobra para alguns, o sapo para outros, o mandrúva para um terceiro, a formiguinha do açúcar para um outro, não importa. Importa que qualquer que seja, ele provoca asco ou irritabilidade. Não podemos nem ouvir falar dele. Há pessoas que vêem a avaliação assim. Reagem dizendo: "Ai, meu Deus!"... "Essa avaliação de novo!"... Nesse mesmo grupo podem ser enquadrados os que acham que toda avaliação é coisa de inquisidores, de chefes autoritários, de invasores, de neoliberais etc.

Outro bicho que pode representar o processo de avaliação é

o bicho-preguiça. É o caso daquelas pessoas para quem a avaliação não é nem fera, nem bicho asqueroso, mas são elas próprias muito parecidas com esse bichinho vagaroso. Estão sempre a dizer: "Ah!, não! Tô no final de carreira".... "Isso não leva a nada, é pura perda de tempo..." "Meus colegas não sabem avaliar, não têm objetividade, não usam métodos científicos"... "Não estão preparados para isso"... "Me deixa quieto no meu canto"...., "Não preciso ser avaliado (a)"..., ou qualquer outra frase de puro desânimo, descrença, cansaço, descompromisso, desmotivação, falta de humildade ou de puro comodismo.

Outras vezes a avaliação pode ser vista como um reles inseto, uma coisinha de nada (como a barata, por exemplo), mas que incomoda uns, enoja outros, amedronta alguns. Por razões diversas e em diferentes graus, todo esse grupo deseja o fim desse inseto.

Mas há aqueles que vêem a

avaliação como uma coruja, um bicho que representa a capacidade de pensar, refletir, olhar para si e para o outro, buscando uma explicação e o verdadeiro sentido para o trabalho, para a vida, enfim.

Sabe-se que essas visões foram construídas historicamente e que existem avaliações e avaliações. Do ponto de vista histórico, podem ser identificadas quatro gerações de avaliação. A primeira geração é a chamada fase da mensuração (punitiva); a segunda, conhecida como geração descrição, que não apresentava saídas, rumos; a terceira, assentada no julgamento, resgata a força da punição, mesmo que mascarada e a quarta é designada a geração da negociação, democrática, pedagógica, ética. Dessa forma, não dá para comparar, por exemplo, uma proposta como a do Programa de Avaliação das Universidades Brasileiras (Paiub), que se identifica com a quarta geração, com avaliações como o

"provão" ou as realizadas pelas Comissões de Especialistas instituídas pelo MEC.

Bem, a verdade irrefutável é que todos estamos sempre expostos a avaliações e que se nós não a assumimos na perspectiva da coruja, ficamos dependendo somente da avaliação do outro - no caso da universidade, o governo - e aí corremos o risco de defrontar uma FERA de fato.

Outra dura verdade é que este é um momento de crise. Então mais um motivo para recorrer à avaliação. Somente por meio de uma boa auto-avaliação, a Universidade terá condições de se ver, de identificar seus pontos fortes e fracos, para investir na potencialização dos primeiros e na superação dos segundos, criando as condições de superar a crise. Outro bom motivo, ainda, para nos avaliarmos é a defesa da Universidade Pública e Gratuita. Quanto mais investirmos em qualidade mais teremos legitimidade para defender este ideal.

Quem se avalia está preparado ou se preparando para compreender que a avaliação

não é um bicho de sete cabeças. É somente um instrumento de gestão, uma radiografia, um diagnóstico que pode nos permitir criar, agilizar, produzir saídas eficazes e eficientes em favor de nosso próprio desenvolvimento.

Nesse sentido, a UFG vem procurando construir, desde 1994, quando se filiou ao PAIUB, uma cultura de avaliação institucional que lhe permita realizar sua missão. Várias são as dificuldades encontradas, mas nada tem desestimulado aqueles que se identificam com a perspectiva da coruja — como demonstram os resultados já alcançados com a meta-avaliação (avaliação do processo de avaliação) e a construção de um novo projeto de avaliação, em curso há mais de um ano. Este projeto, construído por uma equipe multidisciplinar e ampla, está aberto para enriquecimentos vindos da comunidade interna e externa.

CÉLIA MARIA RIBEIRO É PROFESSORA E PRESIDENTE DA COMISSÃO DE AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL DA UFG, MESTRE EM CIÊNCIAS SOCIAIS PELA PUC/SP